



A HISTÓRIA DA “HISTÓRIA DA SEXUALIDADE” DE PAUL BRANDT A KATE GILHULY

Edson Moreira Guimarães Neto – Bolsista CAPES – Doutorando do PPGHC/UFRJ –
edson.moreira.neto@terra.com.br

RESUMO: O presente artigo tem como principal objetivo propor uma articulação das recentes propostas da historiadora Kate Gilhuly acerca de uma *matriz feminina* de sexo e gênero¹ com uma análise comparativa entre os discursos² que se evidenciam através documentação escrita e da documentação imagética produzidas na Atenas dos séculos V e IV a.C.. Para tanto, tomaremos como ponto de partida uma revisão dos debates acadêmicos – em torno das questões da sexualidade - que têm se desenrolado, sobretudo, a partir da década de setenta do século passado, e que estruturam o ambiente teórico em que a referida autora formulou suas proposições acerca da construção do gênero e da sexualidade atenienses no Período Clássico.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Grécia Clássica.

Até as últimas décadas do século XX, a sexualidade humana foi uma temática amplamente marginalizada nos debates acadêmicos das ciências humanas. Ao longo do século XIX, houve uma tradição de relegar tais assuntos aos domínios das ciências biomédicas e populacionais – aproximando-se em alguns momentos de estudos sobre práticas psiquiátricas – dando a impressão de ter pouca relação com as problemáticas da vida social e política. Contudo, esse panorama começou a ser modificado gradualmente a partir da década de 1960 como parte de uma série de transformações que as sociedades

¹ No livro *The Femiine Matrix of Sex and Gender in Classical Athens* (2009), Kate Gilhuly lança o conceito de *matriz feminina*, onde o feminino – incluindo aí a sexualidade, com grande influência dos jogos de poderes da teoria foucaultiana - em Atenas não seria construído unicamente em oposição ao masculino, mas a partir de um tripé relacional (a prostituta, a esposa e a sacerdotisa/agente ritual), que regularia as fronteiras e os limites dos grupos femininos – e masculinos (p.2-10).

² Entendemos o discurso como prática da linguagem, uma narrativa construída dentro de condições sociais e históricas específicas, materializando uma determinada ideologia por meio de uma linguagem que seja inteligível e assimilável a um grupo de indivíduos. “Um dos principais componentes do discurso como fala ou narrativa são os significados históricos presentes no imaginário de quem o elabora. Cada discurso é, assim, uma representação do imaginário no qual seu autor está inserido. [...] um discurso não é fruto de opiniões e visões particulares, mas uma partícula do imaginário dominante que abarca cada indivíduo e [...] pode ser usado para reformular as relações sociais.” (SILVA; SILVA, 2006, p.101).

ocidentais foram sofrendo, como a *consolidação*³ de movimentos militantes de feministas, de gays e de lésbicas (AGGLETON; PARKER, 2007, p.1).

Com a consolidação dos debates acadêmicos sobre tais questões ao longo dos anos 1970, e a posterior adição das preocupações acerca do crescimento populacional e da AIDS (e todas as suas implicações para a sociedade) na década seguinte, *sexualidade* passou a ser um dos conceitos que mais têm sido discutidos nas ciências humanas (incluindo a produção historiográfica) nos últimos trinta anos (AGGLETON; PARKER, 2007, p.1-2; SMITH, 2000, p.318).⁴ Desta forma, os estudiosos da sexualidade parecem se importar muito mais com a sua temática do que a maioria dos historiadores, normalmente, se preocupa com o seu objeto de pesquisa. A razão é fácil de ser detectada: as abordagens de estudiosos baseadas em questões de gênero e sexualidade regularmente têm antecedentes ou ramificações políticas no mundo real, as quais eles não têm motivo algum para esconder (KARRAS, 2000, p.1250).

Os intensos debates acadêmicos a que nos referimos têm sido norteados, sobretudo, por duas fundamentações teóricas que colocam os seus adeptos em direções distintas: a essencialista e a social-construcionista.

O essencialismo ou nativismo⁵ argumenta que existem, fundamentalmente, diferentes tipos de pessoas, que em todas as culturas há aquelas tendências homossexuais, heterossexuais, e várias outras orientações, embora diferentes sociedades possam pensar sobre elas e tratá-las de maneiras bastante diferentes. Cabe destacar que essa corrente teórica foi influenciada e fundada dentro do discurso médico-científico ao longo do século XIX, mas também se estendendo nas discussões de outras disciplinas servindo tanto para justificar a repressão⁶ às sexualidades *não-canônicas* como para legitimá-las.⁷ Desta forma,

³ Destacamos a palavra *consolidação* uma vez que, segundo nos informa Gayle Rubin, desde 1880 na Inglaterra e do final da década de 1940 nos Estados Unidos, havia militâncias que reivindicaram a legitimidade institucional e política ou o fim da perseguição a um ou outro desses grupos (RUBIN, 2007 [1984], p.150-5).

⁴ Bruce R. Smith evidencia a intensidade do debate ao informar que encontrou mais de três mil artigos (produzidos entre 1981 e 2000) fazendo referência a sexualidade na base de dados da Modern Language Association (MLA) (2000, p.318).

⁵ Connell e Dowsett realizam uma revisão bastante ampla de todas as correntes do nativismo em seu artigo *'The unclean motion of the generative parts' Frameworks in Western thought on sexuality*, publicado originalmente em 1992 (CONNELL, DOWSETT, 2007).

⁶ Neste sentido destaca-se o trabalho do sexólogo britânico Havelock Ellis que apoiava uma ampla educação sexual para que os jovens soubessem as maneiras próprias de lidar com seus corpos e evitar práticas que subvertessem a integridade dos mesmos, estabelecendo assim o comportamento monogâmico, heterossexual, com fins reprodutivos como uma prática saudável para a manutenção da estabilidade psicológica e social (DEAN, 1984, p.285-6).

⁷ Podemos citar o livro de Paul Brandt *Sittengeschichte Griechenlands* (1928) traduzido para o inglês como *Sexual Life in Ancient Athens* (1932), que foi publicado sob o pseudônimo de Hans Licht, dado o contexto repressivo predominante na Alemanha naquele período. Nesse livro, a despeito do título, são tratados principalmente os aspectos dos contatos sexuais entre os homens, legando as relações

a partir da década de 1920, teriam surgido as primeiras abordagens antropológicas tentando relacionar pressupostos biológicos do sexo às particularidades que cada cultura adotaria para alocá-los dentro da sua dinâmica própria de relações sociais.⁸

Dentro do já referido contexto de efervescência acadêmica no final da década de setenta do século XX, surgiu uma série de críticas - explícitas ou implícitas - embasadas em preceitos históricos e teóricos, ao essencialismo sexual (RUBIN, 2007, p.156). Tais críticas podem ser resumidas através das seguintes palavras de Robert Padgug,

Em qualquer abordagem que tome como predeterminadas e universais as categorias da sexualidade, a história de verdade desaparece. A prática sexual se torna uma seleção mais ou menos sofisticada de curiosidades [...] que nós, em nossa era iluminada, descobrimos. (2007, p.18)

Desta maneira, o social-construcionismo argumenta que as categorias sobre as quais nós pensamos a sexualidade – como homossexualidade ou heterossexualidade – não são de forma alguma universais, mas construções culturais (KARRAS, 2000, p.1251). Para aqueles que defendem essa corrente teórica, as estruturas e categorias que constituem e são constituídas pelas e através das relações, práticas e identidades sexuais não são uniformes de uma sociedade para a outra (ou na mesma sociedade ao longo das épocas), são historicamente produzidas/construídas (CONNELL; DOWSETT, 2007 [1992], p.200; GAGNON; SIMON, p.32, 2007 [1984]; PADGUG, 2007 [1979], p.22; SMITH, 2000, p.319; RAPP; ROSS, 1981, p.51).

A disputa entre essencialistas e social-construcionistas está longe de ser resolvida (SMITH, 2000, p.321). Contudo, cabe ressaltar que, desde o final da década de 1970, com forte influência do pensamento pós-estruturalista, a série de Michel Foucault *História da Sexualidade* (1978)⁹ tornou-se o ponto de referência mais importante nas discussões acadêmicas acerca do tema (RUBIN, 2007 [1984], p.156), seja para utilizá-la como

entre homens e mulheres ou apenas entre mulheres a um plano secundário (LICHT, 1932). Segundo Halperin, toda a obra de Brandt (entre 1902 e 1929) foi permeada, sobretudo, pela luta militante por reformas nas leis que regulavam as práticas sexuais na Alemanha, e, particularmente, o parágrafo 175 do código penal então vigente naquele país que proibia atos sexuais entre homens (HALPERIN, 1990, p.10-2).

⁸ Os estudos antropológicos de Bronislaw Malinowsky acerca das práticas sexuais das sociedades Trobriand ao longo das décadas de 1920 e 1930 são citados por diversos autores como paradigmáticos para esse tipo de abordagem nas ciências humanas (MIDDLETON, 2002, p.12-4).

⁹ Na verdade a série teve três volumes lançados: Vol. 1 – A vontade de Saber (1978); Vol. 2 – O Uso dos Prezeres (1984); Vol. 3 – O Cuidado de Si (1986). Enquanto o primeiro volume trata de estabelecer as bases teóricas que, segundo Foucault, operam a construção da sexualidade como um dos instrumentos discursivos das práticas de poder de cada sociedade, os dois volumes seguintes fazem um estudo histórico das práticas sexuais e de sua regulação na Grécia e na Roma Antigas.

inspiração ou objeto de crítica (inclusive dos próprios social-construcionistas pós-estruturalistas).¹⁰

Cabe ressaltar que, dada a importância adquirida pela obra de Foucault desde então, nos debates historiográficos acerca da sexualidade o embate entre essencialismo e social-construcionismo perdeu parte de sua volúpia¹¹, predominando as disputas teóricas em torno das possíveis nuances dentro desta última corrente. Dessa forma, somos levados aqui a assumir certas preposições básicas para o estudo da História da Sexualidade dentro de uma perspectiva social-construcionista (*adaptando* algumas proposições do próprio Foucault e de David Halperin¹²):

- 1) Por sexualidade entendemos a interpretação cultural das zonas erógenas e capacidades sexuais do corpo humano, operando para a construção de um conjunto de reações, interpretações, definições, proibições e normas daquilo que conta como atividade sexual no interior de uma dada cultura.
- 2) Consideraremos como história da sexualidade a história dos discursos construídos no interior de cada sociedade num dado momento histórico acerca do sexo.

Por conta disso, discordando de Halperin – que entende o sexo como um fato natural (1990, p.3) – e considerando uma falta de mecanismos concretos na teoria foucaultiana para o mundo *concreto*, tomaremos o corpo e o(s) possível(s) sexo(s) nele contido(s) como construções culturais. Sendo assim, partiremos do pressuposto que –embora seja algo diferente – a construção da sexualidade está intimamente articulada com as dinâmicas de gênero, pois toda cultura demonstra, de alguma forma, preocupação com as manifestações da sexualidade, coibindo-as ou estimulando-as. Sendo assim, a definição dos papéis

¹⁰ Mesmo admitindo a importância da obra de Sir Kenneth James Dover ao longo da década de 1970 – sobretudo o livro *Homossexualidade na Grécia Antiga* – para os estudos acerca de sexualidade no Mundo Antigo, a influência da teoria Foucaultiana demonstra o papel preponderante que tem exercido como referencial teórico para a historiografia especializada como demonstra a organização dos eixos temáticos da recente coletânea de artigos *Sex and Difference in Ancient Greece and Rome* (2008). A referida coletânea é organizada da seguinte forma: Parte I – Antes de Foucault - Pré-história (incluindo aqui um artigo do próprio Dover); Parte II – Foucault e Depois – A Construção do Gênero e da Sexualidade Antigos (incluindo uma seção de representações pró-Foucault e outra de representações anti-Foucault); Parte III – E Se Não Houvesse Foucault? Esferas Separadas Revisitadas; Parte IV – Fora do Jogo – Deuses, Eunucos e *Cross-dressing*.

¹¹ Mesmo assim podemos encontrar diversos exemplos de adeptos a tal corrente teórica em trabalhos mais recentes como *Homosexuality in Ancient Athens* de Joseph R. Laurin, publicado em 2005. Nesse livro o autor deixa claro o seu posicionamento acerca da sexualidade quando, ao longo de todo o capítulo 7 (p.117-34) fala das *lésbicas gregas* (grifo nosso) e seus fetiches, e, posteriormente, destaca que “as profundas raízes e considerável frequência da homossexualidade é um fenômeno que nunca será erradicado mesmo pelas leis do Estado ou a religião” (p.146).

¹² David M. Halperin é um historiador teórico americano que produziu uma vasta quantidade de livros e artigos tratando da temática sexualidade no Mundo Antigo. Sua obra tem admitida influência da teoria foucaultiana (HALPERIN, 1989; 2002).

sexuais dos homens e das mulheres e as formas de relacioná-los são algo que ultrapassa em muito a questão meramente biológica (RODRIGUES, 1983, p.70).

Podemos entender o corpo como um elemento simbólico, um *texto* onde signos sociais são inscritos dentro de um vocabulário e de um conjunto de símbolos comuns – que precisamos decifrar (REISCHER; KOO, 2004, p.300). A relação entre cultura e corpo é estreita e fundamental na análise do nosso objeto de estudo. O sexo de um indivíduo não se refere exclusivamente a sua conformação anatômica e fisiológica. Significa também que ele possui um determinado *status* social em que se convencionam limites, direitos e obrigações a partir das expectativas da comunidade (RODRIGUES, 1983, p.70-2).

Ao defendermos que o corpo humano é uma construção social, o inserimos numa historicidade, o que implica em dizer que ele – sua anatomia sexual inclusa - não é o mesmo segundo os diferentes tempos de indivíduos, grupos e sociedades (RODRIGUES, 2003, p.87; LESSA; GUIMARÃES NETO, 2009, p.36).

Dentro de nossa perspectiva de estudo, compreendemos gênero¹³ e sexualidade como instrumentos discursivos articulados entre si para a construção e manipulação de discursos acerca de identidades coletivas.¹⁴ Um *continuum* de feminilidade tem importantes implicações para diversos campos de significação que se estendem para além daquilo que podemos aprender somente a partir das prostitutas, incluindo gênero e sexualidade, atuação e troca. A matriz feminina – que configurou o relacionamento entre a prostituta, a esposa e a sacerdotisa ou agente ritual – foi um princípio organizacional utilizado pelos atenienses do Período Clássico para pensar e falar de si mesmos; era parte do imaginário social ateniense. Esta estrutura operava em uma variedade de textos e gêneros e estava, portanto, ligada a várias facetas da identidade ateniense (GILHULY, 2009, p.2).

A prostituta, a esposa e a agente ritual podem ser entendidas como uma matriz discursiva que deu significado para a atuação *genderizada*.¹⁵ Esta matriz proporcionou um espectro de referência através do qual vários aspectos de sexo e gênero, tanto masculino como feminino, tornaram-se culturalmente legíveis (GILHULY, 2009, p.13).

¹³ “Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas” (CALAME, 2002, p.18). Concordamos com Joan Scott, entendendo tal categoria como o saber que estabelece significados para as diferenças corporais dentro de um determinado momento histórico em uma determinada cultura (SCOTT, 1994, p.12-3).

¹⁴ Segundo Tomaz Tadeu da Silva, a identidade só pode ser construída em um aspecto relacional com os *outros*, ou seja, quando o indivíduo reconhece o que ele é, automaticamente também conclui o que não é e de que grupo não faz parte. Contudo esse processo de construção da identidade só se completa quando o indivíduo se reconhece pertencente a um determinado grupo, ou seja, quando reconhece seus *iguais* (DA SILVA, 2000, p.74-6). A noção de identidade coletiva confirma a coesão de um grupo sublinhando as similaridades ou atributos partilhados em torno dos quais os membros se coalescem (CERULO, 1997, p.386).

¹⁵ Adaptamos o termo para a língua portuguesa a partir da palavra *gender* (gênero na língua inglesa). Sendo assim, *genderizado* é aquilo que sofre ação dos mecanismos de gênero.

Tanto a prostituta como a agente ritual eram mulheres que atuavam na esfera pública. Nem seus movimentos nem suas representações¹⁶ eram reprimidos como a mulher no papel de esposa, e, portanto, de diferentes maneiras, cada papel possibilita a representação de subjetividade feminina de um modo mais completo. A forma como a mulher era percebida na esfera pública dependia do papel que ela exercia. A prática ritual concedia uma válvula de escape da expectativa de que mulheres viveriam de forma reclusa e permitia em momentos circunscritos que elas pudessem experimentar a atuação nos espaços públicos. A negociação entre a imagem da prostituta e da agente ritual produz no meio do caminho uma fuga para a esposa, em algum lugar entre a satisfação pessoal imediata oferecida pela primeira e as negociações cósmicas de longo termo desempenhadas através do ritual (GILHULY, 2009, p.11-9).

Na prática as expectativas sociais e legais são contestadas e, suas incoerências são exploradas e manipuladas. Havia um valor simbólico em ser visto como um homem que gastava seu dinheiro e energia para o bem da comunidade, enquanto que havia desvantagens simbólicas em ser representado como alguém que se cobria de deleites físicos.¹⁷

As nuances complexas do comportamento apropriado a um cidadão ateniense poderiam ser negociadas por meio de projeção sobre o *continuum* feminino. Os papéis femininos representam uma série de esferas cívicas: o mercado, governo, instituições sociais e o setor religioso. Tais esferas envolvem graduais compromissos temporais e éticos. Cada tipo feminino simboliza um domínio do masculino e, cada um desses domínios é entendido em relação aos outros. A prostituta, a esposa, e a agente ritual simbolizam um espectro cultural que fornece um esboço para interpretar pessoas, suas ações e contextos. Em cada contexto somos convidados a interpretar como um papel se relaciona com os demais. A atuação feminina deve ser entendida dentro de um esquema semântico em que a significação de uma ação depende do seu lugar em relação a todas as outras maneiras de agir naquele contexto; o que repercute, inverte, alude ou nega (GILHULY, 2009, p.23 e 183).

A partir dos problemas e pressupostos que foram apresentados, consideramos salutar recorrer à organização de dois *corpora* documentais: um constituído por textos

¹⁶ Nas imagens da cerâmica decorada, nas esculturas, nas ofertas votivas em túmulos e mais marcadamente na documentação escrita.

¹⁷ Isto não significa dizer a negação ao prazer, mas a negação ao excesso. James Davidson mostra que a companhia de uma *hetaira* (cortesã de luxo) poderia ser uma espécie de marcador social de riqueza e poder, mas alerta que o excesso no consumo de vinho, de comida, ou nas práticas sexuais traria má reputação ao indivíduo. Neste contexto, o *moichos* (adúltero, sedutor da filha ou esposa de outro cidadão) é considerado tão afeminado quanto o *knaidos* (que se deixa penetrar), pois ambos são - incapazes de manter o equilíbrio - dominados por seus desejos da mesma forma que as mulheres, portanto ineptos a liderarem a *pólis* (DAVIDSON, 1998, p.102, 165 e 173).

literários de gêneros diferenciados – historiografia, filosofia, processos jurídicos, poesia e biografia – e outro restrito à documentação imagética.

O trabalho com documentos de naturezas diversas nos possibilita demonstrar a heterogeneidade das informações que tratam do feminino, além de acentuarem as recorrências ou repetições, nos possibilitando perceber o *não-dito* (BUXTON, 1996, p.132; LESSA, 2004, p.23).

A documentação textual nos fornece algumas evidências que revelam a ação feminina fora dos limites *impostos* pelo modelo feminino idealizado pela sociedade ateniense. Da mesma forma que os textos escritos, a imagética constitui-se em discursos e, em tal sentido, são textos que oferecem material à construção historiográfica e, por isso, necessitam serem lidos pelo historiador.

Se valorizarmos os aspectos socioculturais e a formação do imaginário da sociedade que estudamos, notaremos que a iconografia pode, além de “completar e enriquecer as informações aportadas pela tradição literária”, fornecer significados, fatos e dados que não estão presentes nos documentos escritos (CERQUEIRA, 2000, p.86).

A interpretação das imagens provoca o despertar de novos problemas. Os artistas foram influenciados pelas tradições gráficas, pela limitação das técnicas disponíveis, pelas convenções sociais, além de outros fatores (KEULS, 1993, p.3). A imagem não se basta por si mesma, ela faz parte de uma rede de comunicação em que intervêm o pintor e o espectador, o autor e o receptor (LISSARRAGUE, 1990, p.260-2 e 268). Os vasos com representações imagéticas serviam ao transporte dos mais variados produtos, como vinho, azeite e outros, mas também, e, sobretudo, transportavam ideias, valores, conceitos (CERQUIERA, 2000, p.89).

Como documentação histórica as pinturas em vasos têm a vantagem de vir diretamente do seu período, sem sofrer as modificações que os textos literários sofrem, inevitavelmente, ao longo do tempo. A maioria dos estudos sobre relações sexuais e outros aspectos da História Social, até bem pouco tempo vinham ignorando tais artefatos, senão usando-os como meras ilustrações derivadas de registros escritos (KEULS, 1993, p.2-3). As evidências pictóricas podem nos fornecer indícios acerca das políticas sexuais e das relações de poder em Atenas, e no caso particular da nossa pesquisa, do papel dos diferentes grupos femininos naquela dinâmica.

No tocante à constituição de sentido, sabemos que a imagem não se basta por si mesma, o que significa dizer que ela está presa em uma rede de comunicação na qual intervêm o pintor e o espectador, o autor e o receptor (LISSARRAGUE, 1987, p.261-2 e 268). As pinturas que encontramos representadas nas cerâmicas gregas se constituem

numa concepção dos artesãos sobre um determinado fenômeno; ou seja, “eles assimilam signos e desenvolvem esquemas pictóricos com o propósito de dar um sentido às experiências pelas quais eles mesmos estavam passando” (LIMA, 2007, p.35). Por isso, a contextualização das imagens é fundamental para a sua análise; isto porque elas devem ser entendidas como um sistema de signos criadores de significados (BÉRARD, 1983, p.5-10).

Se as cenas nos vasos são construções do imaginário social dos seus pintores, podemos entendê-las como resultado de um processo de escolhas por parte dos pintores e da sociedade; até mesmo porque as cerâmicas nos oferecem importantes indicadores da presença de preferências e exclusões por parte das sociedades (BOARDMAN, 1995, p.5).

Como enfatizam Pantel e Thelamon, as imagens pintadas nos vasos são representações, construções intelectuais. Não é uma imagem *fidel* da realidade. A iconografia é percebida como figuração do real, mas somente de certo real (SCHMITT-PANTEL; THELAMON, 1983, p.10 e 19). Assim sendo, o sistema figurativo não é para o pesquisador uma pura reprodução da realidade, pois as imagens são, antes de qualquer coisa, um produto de uma filtragem, de um recorte acerca do real. Ou seja, são construções culturais.

Com base no que enfatizamos anteriormente, podemos destacar que numa análise imagética, deve levar-se em conta, além do gênero da imagem, o lugar a que era destinada, “sua eventual mobilidade [...] assim como o jogo interativo dos olhares cruzados que as figuras trocam entre si no interior da imagem e com os espectadores fora da imagem” (SCHMITT, 2007, p.46).

Por tudo isso, admitindo certa permeabilidade e permissividade nos espaços de atuação e na conduta diária dos grupos componentes da *matriz feminina*, entendemos que se faz necessário um estudo comparativo entre os discursos dos textos escritos (correspondendo a opiniões da elite) e os iconográficos (mais próximos a um senso comum) acerca dos mesmos, acreditando que com isso aparecerão similitudes e diferenças que nos possibilitarão desvelar como e quando os diferentes universos femininos se entrelaçavam e em que forma e grau se articulavam às dinâmicas de poder do imaginário ateniense.

Até aqui, a historiografia que trabalha com as relações entre grupos (sob os preceitos da categoria *gênero*) tem se concentrado nas relações específicas de um determinado grupo feminino com o dos cidadãos.¹⁸ A adoção da ideia de uma *matriz feminina*¹⁹, aliada ao

¹⁸ Temos uma historiografia bastante sólida acerca do cotidiano das esposas atenienses, assim como diversos trabalhos sobre o *mundo dos prazeres* e a vida cívico-religiosa em Atenas, no entanto fica evidente a carência de obras que trabalhem esses três contextos num aspecto relacional. Mesmo nos trabalhos mais recentes acerca do feminino é como se as atenienses, as cortesãs e as agentes rituais vivessem em um espaço/tempo distinto umas das outras e não se relacionassem com os mesmos grupos masculinos.

pressuposto de que a comparação entre um *corpus* textual (representando discursos inerentes às elites) e um *corpus* imagético (representando um senso comum), possibilita uma noção mais ampla²⁰ - de uma estrutura motora e mediadora de diversas relações sociais – onde a identificação dos elementos mais constantemente manipulados pode revelar os pontos de tensão mais importantes na estratégia discursiva para a legitimação do poder de cada grupo.

Nossa proposta não se atém a demonstrar a particularidade de cada autor, vai além, revelando sua originalidade ao procurar nas similitudes estratégicas entre as linhas discursivas as molas mestras que regeram os discursos legitimadores de poder na sociedade ateniense no momento de seu apogeu militar, político e cultural.

Referências bibliográficas

- AGGLETON, P.; PARKER, R. Introduction. *In*: AGGLETON, P.; PARKER, R. (Org.). **Culture, Society and Sexuality**. London; New York: Routledge, 2007, p.1-11.
- BÉRARD, Cl. Iconographie, Iconologie, Iconologique. **Études de Lettres**. Paris: 1983.
- BOARDMAN, J. **Athenian Red Figure Vases: The Archaic Period**. London: Thames and Hudson, 1995.
- BUXTON, R. **La Grèce de Imaginaire, les Contextes de la Mithologie**. Paris: Édition la Découverte, 1996.
- CALAME, Cl. **Eros en la Antigua Grecia**. Madrid: Ediciones Akal, 2002.
- CERQUEIRA, F. V. A iconografia dos vasos gregos antigos como fonte histórica. **História em Revista**. Pelotas: v.6, p.85-96, 2000.
- CERULO, K. A. Identity Construction: New Issues, New Directions. **Annual Review of Sociology**. v.23, p.385-409, 1997.

¹⁹ Uma construção ideológica reconhecida e compreendida por toda a sociedade ateniense - baseada na convivência das *hetaírai*, das mulheres atenienses e das agentes rituais em uma mesma dinâmica espaço-temporal - como um instrumento discursivo constantemente manipulado de acordo com os jogos de poderes e tensões entre a elite e o *dêmos*.

²⁰ Mais ampla que as abordagens tradicionais (limitadas aos contextos relacionais de pares), e mesmo que Kate Gilhuly, que “lança” a *matriz feminina*, mas se atém à leitura/análise de quatro textos considerados canônicos para observar como cada um dos autores manipula o *continuum* feminino da esposa, da cortesã e da agente ritual, com objetivo de “fazer novas leituras de textos já conhecidos” e desvelar “a complexidade do sexo e do gênero na cultura ateniense e os múltiplos significados que uma estratégia discursiva poderia produzir” (GILHULY, 2009, p.24-8).

- CONNELL, R. W.; DOWSETT, G. W. 'The unclean motion of generative parts'. Frameworks in Western thought on sexuality. . *In*: AGGLETON, P.; PARKER, R. (Org.). **Culture, Society and Sexuality**. London; New York: Routledge, 2007 [1992], 188-206.
- DA SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: DA SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.73-102.
- DAVIDSON, J. N. **Courtesans and Fishcakes: The Consuming Passions of Classical Athens**. New York: St. Martin Press, 1998.
- DEAN, C. J. The Productive Hypothesis: Foucault, Gender, and the History of Sexuality. **History and Theory**. v.33, n.3, p.271-96, 1994.
- DOVER, K. J. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- GAGNON, J. H.; SIMON, W. Sexual scripts. . *In*: AGGLETON, P.; PARKER, R. (Org.). **Culture, Society and Sexuality**. London; New York: Routledge, 2007 [1984], 31-40.
- GILHULY, K. **The Feminine Matrix of Sex and Gender in Classical Athens**. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, São Paulo, Delhi: Cambridge University Press, 2009.
- GOLDEN, M.; TOOHEY, P. (Org.). **Sex and Diference in Ancient Greece and Rome**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.
- HALPERIN, D. M. Is There a History of Sexuality? **History and Theory**. v.28, n.3, p.257-74, 1989.
- _____. Introduction. *In*: HALPERIN, D. M.; WINKLER, J. J.; ZEITLIN, F. I. (Org.). **Before Sexuality: the construction of erotic experience in the ancient Greek world**. Princeton: Princeton University Press, 1990, p.3-20.
- _____. Forgetting Foucault: Acts, Identities, and the History of Sexuality. *In*: NUSSBAUM, M.; SIHVOLA, J. **The Sleep of Reason. Erotic experience and Sexual Ethics in Ancient Greece and Rome**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2002, p.21-54.
- KEULS, E. C. **The Reign of Phallus: Sexual Politics in Acient Athens**. California: University of California Press, 1993.
- LAURIN, J. R. **Homosexuality in Ancient Athens**. Victoria: Trafford, 2005.

- LESSA, F. S. **O Feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- LESSA, F. S.; GUIMARÃES NETO, E. M. Atletas na imagética ática do século V a.C. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 26-41, 2009.
- LICHT, H. **Sexual Life in Ancient Greece**. London: Routledge, 1932.
- LIMA, A. C. C. **Cultura Popular em Atenas no V Século a.C.**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.
- _____. Pintores de Vasos em Corinto: *Métis* e alteridade. **Phoînix**. Rio de Janeiro: 32-43, 2007.
- LISSARRAGUE, F. **Un flot d'images, une esthétique du banquet grec**. Paris: Éditions Adam Biro, 1987.
- _____. A Figuração das Mulheres. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). **História das Mulheres no Ocidente I**. Porto: Afrontamento, 1990, p.203-71.
- MIDDLETON, D. W. R **Exotics and Erotics. Human Cultural and Sexual Diversity**. Long Grove: Waveland Press, 2002.
- PADGUG, R. A. Sexual Matters: on conceptualizing sexuality in history. In; AGGLETON, P.; PARKER, R. (Org.). **Culture, Society and Sexuality**. London; New York: Routledge, 2007 [1979], p.17-30.
- RAPP, R.; ROSS, E. Sex and Society: A Research Note from Social History and Anthropology. **Comparative Studies in Society and History**. v.23, n.1, p.51-72, 1981.
- REISCHER, E.; KOO, K. S. The Body Beautiful: Symbolism and Agency in the Social World. **Annual Review of Anthropology**. v.33, p.297-317, 2004.
- RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- _____. Os Corpos na Antropologia. In: THEML, N., BUSTAMANTE, R. M. C.; LESSA, F. S. **Olhares do Corpo**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2003.
- RUBIN, G. S. Thinking Sex – Notes for radical theory of the politics of sexuality. In: AGGLETON, P.; PARKER, R. (Org.). **Culture, Society and Sexuality**. London; New York: Routledge, 2007 [1984], p.150-87.
- SCHMITT, J-Cl. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- SCHMITT-PANTEL, P.; THELAMON, F. Image et Histoire: Illustration ou Document. In: LISSARRAGUE, F.; THELAMON, F. **Image et Céramique Grecque**. Actes du Colloque de Rouen 25 - 26 novembre 1982. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1983.
- SCOTT, J. W. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**. v.3, p.11-27, 1994.

SILVA, K. M.; SILVA, M. H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.